

# A REDEFINIÇÃO DO AMBIENTE DE "BREJO" NO ESTADO DE PERNAMBUCO - BRASIL.

Aldemir Dantas Barboza e Vanice Santiago Fragoso Selva \*

## Introdução

O ambiente “brejo” no Estado de Pernambuco, corresponde a áreas úmidas e subúmidas de exceção no domínio do trópico semi-árido brasileiro onde ocorrem solos rasos, precipitações pluviométricas escassas e irregulares que condicionam uma vegetação xerófito e uma agricultura temporária de subsistência, assim como uma população rural agrícola de baixa renda que se vê obrigada a viver migrando em função dos prolongados períodos de estiagem e da ausência de uma política efetiva de apoio ao crédito, à produção e a circulação dos produtos que contemple esta população. Os "brejos" no semi-árido, surgem como verdadeiras ilhas de umidade decorrentes de condicionantes morfoclimáticos que propiciam o desenvolvimento de solos profundos, precipitações abundantes, ocorrência de florestas, cerrado ou contato diversos e uma agricultura diversificada, representada por fruteiras e hortaliças entre outras culturas. Essas áreas de "brejo", têm representado ao longo da história econômica do Nordeste brasileiro o papel de fornecedor de alimentos. Nos últimos 10 anos, esses ambientes vêm redefinindo o seu espaço como áreas de turismo, em que são exploradas as ocorrências de paisagens exóticas de extrema beleza que vão desde a presença da vegetação de floresta, formação de grutas e esculturas naturais à cachoeiras de água fria e cristalina e em áreas de, segunda residência. Pretende-se discutir neste trabalho, a redefinição de espaços como os dos "brejos" de Pernambuco, em que áreas tradicionalmente produtoras de alimentos passam a se moldar como um espaço com atividades terciárias, em que trabalhadores rurais completam suas rendas oferecendo serviços aos novos residentes e a atividade de turismo, consequência das recentes mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas que vêm se processando no Brasil com a emergência de uma sociedade moderna.

## 1. Os “brejos”: caracterização geral

Apesar da palavra “brejo” ter acepções diversas, genericamente corresponde a terrenos alagadiços com saturação de água no solo. No Centro-Sul do Brasil, “brejo” é conhecido como uma área de "solo encharcado, que ocorre especialmente em baixadas onde se acumula água". (FERRI, 1974, p. 148).

Nas áreas semi-áridas ocorrem os “brejos” de várzeas representados pelos rios cujos cursos sub-terminais formam largas várzeas de inundação.

---

\* Professoras. Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco. Recife - Brasil.

Destaca-se aqui portanto, outra conotação de brejo” que é comum no semi-árido nordestino que são os "brejos" de altitude, exposição, pé de serra (infiltração) - podendo inclusive ocorrer de forma conjugada - e corredor de vento, os quais representam exceções no clima semi-árido. Neles se desenvolve um contato de vegetações, sobretudo a do tipo florestal com características diversas e dependendo do número de meses secos, da quantidade de precipitação anual e do regime de chuvas, a floresta pode ser perenifólia, sub-perenifólia ou subcaducifólia, formando um verdadeiro oásis pois difere totalmente de vegetação xerófila da caatinga. Essa vegetação do tipo florestal está freqüentemente associada a solos como Latossol Vermelho Amarelo Distrófico, Podzólico Vermelho Amarelo Eutrófico e Cambissol, formando ecossistemas com condições geoambientais especiais que propiciam o surgimento de verdadeiras "ilhas produtivas", ou “celeiros”, cujo sistema de uso da terra apresenta-se diversificado favorecendo as atividades agrícolas e pastoris.

Os "brejos" nordestinos são "efeitos combinados de exposição e de altitude, que resultam do modo como a topografia se dispõe no curso das massas de ar que anualmente convergem sobre a região" (ANDRADE, 1965, p. 25). Portanto ocorrem não somente por efeito da altitude aproximadamente entre 800 e 1.200m -, mas também pela exposição do fluxo de ar úmido resultando nos denominados "brejos" de barlavento. Nesse tipo de "brejo" as cotas altimétricas podem ser relativamente pequenas e segundo ANDRADE (1964, p. 31) "Engendram-se em consequência de súbitos desnivelamentos opostos à advecção dos alísios e alastram-se pelas vertentes expostas ao fluxo umidificante; no alto dessas vertentes, passa-se bruscamente para a zona seca a sotavento". Ex.: Taquaritinga do Norte - PE. Já nos "brejos" de altitude, "a mancha úmida tende a ocupar o topo da elevação; ocorrem notadamente nas áreas sob a influência de massas de ar convectivo, o que neles reduz de maneira sensível os efeitos típicos da exposição; é a altura, então sobre o nível do mar que principalmente responde pelas precipitações" (ANDRADE, 1964, p. 31). Ex.: Serra de Baturité no Ceará.

Essas "ilhas" de umidade, também aparecem como resultado da disposição do relevo que formando um corredor de cristas permite que "as massas de ar continuamente comprimida posta em movimento e renovada, resulte em “brejos” chamados de "corredor de vento" (ANDRADE, 1964, p. 31). Ex.: Serra do Vento - Belo Jardim - PE. Há também exemplos dessas "ilhas de umidade", o que se denomina de "brejo de pé de serra", ocorrendo geralmente ao sopé de escarpas areníticas que são alimentadas por mananciais de água de infiltração, isto é, pela drenagem através de estrutura permeável. Como exemplo típico do Nordeste, cita-se a vertente norte da chapada do Araripe no CE - Crato - Juazeiro.

No Estado de Pernambuco essas manchas úmidas, representadas pelos "brejos" ocupam espaços importantíssimos do Agreste e do Sertão, situados geralmente no *hinterland* áreas cujas características ambientais apresentam baixa pluviosidade, solos rasos, vegetação de caatinga e hidrografia intermitente, não favorecendo um sistema intensivo de uso do solo. Nos "brejos", ao contrário, a atenuação das condições de semi-aridez permite uma diversificação das atividades econômicas que vão desde culturas tradicionais até a produção de café, hortaliças, fruteiras, pastagens, etc..

A estrutura fundiária nessas áreas, em geral, é representada por pequenas propriedades exploradas pela mão-de-obra familiar que comercializa a produção no centro

urbano que lhe é mais próximo, ocorrendo muitas vezes o acesso à terra por meio de relações variadas como por exemplo, “meia”, “terça” e arrendamento.

## **2. O Potencial agrícola e turístico dos “brejos” no Estado de Pernambuco**

Conhecendo-se as características dos “brejos” pode-se verificar o potencial agrícola e turístico que essas áreas dispõem em virtude de suas condições geoambientais diferenciadas do domínio semi-árido nordestino.

Quanto ao potencial agrícola os condicionantes mesológicos propiciam a diversificação de culturas as quais sem irrigação não poderiam ser experimentadas no semi-árido. Assim o efeito da altitude conjugado ao clima e à disposição do relevo, contribuem para o desenvolvimento de solos mais profundos (e dependendo do material originário mais férteis) o que denota uma tendência marcante para a produção de café, fruteiras, como caju, manga, goiaba, graviola, pitanga, abacaxi, maracujá, além de hortaliças e culturas de subsistência. Essas lavouras apresentam cunho comercial e suprem as necessidades individuais dos produtores. No caso específico do “brejo” de Bonito o comércio de frutos mantém vínculo com a Maguary Sucos estabelecida no município e a avicultura com a Mafisa.

No que se refere ao potencial turístico, os “brejos” de Pernambuco oferecem condições naturais privilegiadas no tocante ao clima com temperaturas médias amenas durante todo o ano além de paisagens naturais exóticas de extrema beleza que vão desde a presença da vegetação de floresta, formação de grutas e esculturas naturais, a cachoeiras de água fria e cristalina.

Essas áreas de “brejo” vem sendo exploradas por investidores da rede hoteleira embora com pouca intensidade, e por agências de turismo, que em nome de um ecoturismo vem redescobrimdo e divulgando os “brejos” de Triunfo, Catimbau, Garanhuns através da história, da cultura e do lazer que esses “brejos” dispõem.

Apesar da atividade turística nas áreas de “brejo” ser algo recente, admite-se que esta atividade econômica não tem escapado da problemática ambiental e que o crescimento , dessa atividade deve-se a prosperidade de outros setores da economia que estimulam o turismo e que também deve sensibilizar o poder público no sentido de criar políticas especiais para esse setor, pois a destruição e a insegurança hoje verificada nos grandes centros turísticos tem provocado uma oferta e uma procura por áreas mais atrativas e não deterioradas.

Sendo os “brejos” verdadeiros “oásis” na imensidão do semi-árido é necessário que passem a ser vistos sob outra ótica tanto no que se refere ao que representam como área “celeiro” e que merece cuidados especiais para a sua utilização, quanto a disporem de condições privilegiadas ao favorecimento do turismo integrado à natureza. Desse modo uma política especial para a manutenção e dinamismo da economia dos brejos, com certeza irá contribuir à melhoria da condição de vida do habitante do “brejo” como das áreas contíguas a essas “ilhas de umidade” do semi-árido nordestino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. Organização Natural das paisagens Inter e Subtropicais Brasileiras. *Geomorfologia*. São Paulo : USP. n°. 41, 1973.
- ANDRADE, G. O. e LINS, R. C. Introdução ao Estudo dos "Brejos" Pernambucanos. *Arquivos*, Recife : Instituto de Ciências da Terra, Universidade do Recife, n°. 2, p. 21-33 outubro, 1964.
- \_\_\_\_\_. Introdução à Morfoclimatologia do Nordeste do Brasil. *Arquivos*, Recife : Instituto de Ciências da Terra, Universidade do Recife, n°. 3-4, p. 17-28, fev./jun., 1965.
- \_\_\_\_\_. O "Brejo" da Serra das Varas (Arcoverde). *Cadernos*. Recife : Faculdade de Filosofia, Departamento de Geografia UFPE, n°. 14, Série VI-8, p. 1-19, junho, 1966.
- CARVALHO, Romildo F. de. A degradação dos Brejos. Anais do 10. *Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente*. Recife : FUNDAJ, p. 106-111, 1986.
- COUTINHO, Solange F. S. Degradação dos Recursos Naturais nas Áreas de "Brejo" do Estado de Pernambuco. *Geolinda*, Olinda: Centro de Estudos Geográficos, a.1, n°. 1, p. 10-14, maio, 1988.
- FERRI, Mário Guimarães. *Ecologia: Temas e Problemas Brasileiros*. São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1974.
- FERREIRA JÚNIOR, Antônio Luís G. *A Produção do Espaço no Brejo de Bonito: Estudo de Algumas -Transformações no Meio Rural*. Recife. Projeto de Dissertação. DCG/UFPE Curso de Mestrado em Geografia. 1993.
- LIMA, Dárdano A. Esboço fitoecológico de alguns "brejos" de Pernambuco. *Boletim Técnico*, Recife : Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. Instituto de Pesquisas Agronômicas de PE, n°. 8, dez. 1966.
- LINS, Rachel Caldas (coord.). *Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco*. Recife. SUDENE-DPG-PSU-SRE. 1989. (Série Estudos Regionais, 20).
- MELO, Mário Lacerda de. *Os Agrestes*. Recife : SUDENE, CPR. DPE. 1983. 474 p. (Série Estudos Regionais, 9).
- \_\_\_\_\_. *Áreas de Exceção da Paraíba e Sertões Pernambuco*. Recife: SUDENE/PSU-SRE. 1988. 321 p. (série Estudos Regionais, 19).